

Vivendo de Guitarra

Lanny Gordin

Guitar Class - Lanny, conte-nos como foi a sua infância.

Lanny - Eu cheguei ao Brasil com 6 anos de idade. Nasci na China, mas também vivi em Telaviv, Israel, até chegar em São Paulo. Quando eu tinha 13 anos de idade, meu pai, que também é músico, me deu um violão, e comecei a estudar. Eu ouvia todos os guitarristas de jazz antigo. Mas a minha maior escola mesmo foi o Stardust, que era a boate do meu pai, onde eu toquei durante 15 anos.

Guitar Class - Qual foi o seu primeiro grande show?

Lanny - Foi pra acompanhar a cantora Vanderléia, que estava começando a fazer sucesso. Eu me lembro de ter ligado o amplificador no volume 10, pois queria aparecer. Eu sei que toquei mais alto que todo mundo. O dono do lugar chegou e disse: “Pelo amor de Deus, manda o garoto da guitarra abaixar o volume!” (risos). No dia seguinte, recebi meu cachê e o tecladista disse que eu estava fora da banda por causa do barulho. Voltei pro Stardust, mas lá meu pai não deixava eu tocar alto, e tinha que obedecer.

Guitar Class - Fale mais sobre o

Stardust.

Lanny - O Hermeto Pascoal, o Heraldo do Monte, o Jair Rodrigues, já tocaram lá. O Hermeto tocou no Stardust durante 10 anos. Ele veio lá de Canoa da Lagoa, em Alagoas, e o Stardust foi a primeira casa a dar emprego a ele. Era uma boate de elite, aonde só iam personalidades. O Bob Kennedy, quando vinha para o Brasil, freqüentava o Stardust durante os períodos de lazer.

Guitar Class - Como você entrou no movimento da Tropicália?

Lanny - Foi em 1966. Eu tinha uns amigos roqueiros, que me falaram que havia um guitarrista que morava na Pompéia (bairro paulista), e que tinha uma técnica impressionante. Um dia eu fui assistir a um show dele. Era o Sergio Dias, que tocava na banda Six Sided Rockers, com a Rita Lee nos vocais e o Arnaldo Baptista (irmão de Sergio Dias) no baixo. Me apresentaram o Serginho, e ele disse pra eu ir à casa dele. Quando ele me viu tocar, ficou impressionado com os meus acordes. Eu era forte na harmonia, e ele era forte no solo. Depois o Serginho me apresentou o Beat Boys, que era a banda que acompanhava o pessoal da Tropicália, como Caetano, Gal, Gil, etc. O percussionista deles falou: “Lanny, vamos pra casa do Gilberto Gil, que ele quer te conhecer”. Naquela época eu já estava mais “manero”, menos barulhento (risos). Ele morava na Av. São Luís (centro de São Paulo) e tinha um apartamento lindo, um cabelo black power e tudo mais. Ele disse que já tinha ouvido falar de mim e adorou o meu estilo. Começamos a fazer arranjos juntos e, na hora de gravar, o Gil falava: “Entra no estúdio, se vira lá que o playback já vai estar rolando”. Gravei também com Caetano, mas o *Disco Branco* foi gravado na Bahia e o playback veio pra São Paulo, onde eu coloquei as guitarras.

Guitar Class - Com quem mais você gravou?

Lanny - Com Rita Lee, Tim Maia, Jair Rodrigues, Hermeto Pascoal, Brazilian Octopus, Erasmo Carlos, Eduardo Araújo, Gal Costa e Elis Regina - que me chamava de “Lanny Ray-O-Vac”. Na época eu ganhava uma tabela especial, que era mais do que os outros músicos. Eu era muito requisitado por causa do meu jeito de tocar, que era muito original. Para os leigos, o Lanny Gordin era o melhor guitarrista do Brasil, mas para os músicos acima do meu nível, nem tanto.

Guitar Class - Quem você considerava acima do seu nível?

Lanny - Na época, quem me criticou foi o João Gilberto, num programa



Jota Santana

ma de televisão, em que ele dizia: "Esse rapazinho não ouve os outros instrumentos, fica só tocando um monte de acordes, tem de aprender muito". Eu abaixei a cabeça e não disse nada, pois no fundo eu sabia que era a pura verdade, e pensei: "O João Gilberto fala a minha língua".

Guitar Class - Teve uma fase na sua vida em que você ficou sumido, e pouca gente ficou sabendo o que aconteceu. Você poderia nos contar como foi esse período?

Lanny - Em 1970, estava numa temporada com a Gal Gosta, "Gal a todo vapor", no Rio de Janeiro, e o empresário do Jair Rodrigues me chamou pra tocar na Europa, em Paris, junto com os Originais do Samba. Aí eu liguei pro Pepeu Gomes e ele terminou a temporada para mim. Fomos para Estocolmo, Amsterdã, Lisboa e Paris. Depois disso, o Jair e sua trupe voltaram pro Brasil, e eu e minha namorada fomos pra Londres. Nós fomos para um apartamento do tio dela. Como eu tinha 20 anos e não conhecia nada da vida, perguntei o que era aquela barra branca. Era ácido lisérgico, ou LSD. Eu fiquei curioso, pois nunca tinha experimentado. Quando tomei e bateu o efeito, ficou tudo colorido, que nem esses filmes da Branca de Neve. Eu pensei: "Pô, eu morri e estou no paraíso, no nirvana". Aí eu vi meu violão, e me falaram: "Toca Lanny". Eu peguei o violão e com muita força consegui tocar, e me lembro perfeitamente do acorde que toquei (Lanny pega um violão e toca um acorde Am7). O som que saiu foi incrível, um som de amor mesmo pela música, um som purinho. Depois de quatro ou cinco horas, quando estava passando o efeito, me deram marijuana para acalmar e ter uma viagem perfeita. Aí eu pensei. "Pô, amanhã, quando eu acordar, eu vou ver o sol do nirvana. Eu vou dormir então, e seja o que Deus quiser". No dia seguinte, quando acordei, vi que tinha voltado pro mundo real, esse mundo ingrato, coisas de adolescente... Hoje eu penso o contrário, você é que faz a sua própria realidade, que é o universo de cada um.

Guitar Class - Quantas vezes você tomou essa droga?

Lanny - Eu tomei sete ácidos, só que um era falsificado, então na verdade foram seis, todos eles num intervalo de seis meses, mas nenhum tinha a mesma qualidade do ácido europeu. Mas as viagens eram diferentes da primeira. Há livros especializados nesse assunto, como *As Portas da Percepção*, *Admirável Mundo Novo*, etc. A minha última viagem foi quando eu tomei um ácido preto, que

teve um efeito contrário dos primeiros, e foi completamente apavorante.

Guitar Class - Você poderia descrever como foi essa experiência?

Lanny - Tive um aspecto de inferno do ácido, pois você tem o aspecto de céu e o de inferno. As visões que eu tive foram distorcidas, foi muito ruim, horrível mesmo. Eu estava apavorado. Queria entrar no mundo do primeiro ácido, mas em vão. Eu tinha uma guitarra que era de estimação, uma Giannini Super Sonic 61, e eu queria pegá-la, mas não conseguia. Um amigo que estava comigo chorava e fumava um *beck*, até que eu desmaiei. Essa foi a última e pior experiência que eu tive. Mas depois de um tempo fiquei pensando: "Será que esse mundo existe? Eu quero voltar pra esse mundo, mas será que é só através do ácido? Mas o ácido é uma droga...". Aí eu pensei que de acordo com o conhecimento divino, tudo tem uma explicação verdadeira, clara e simples. Mas esse conhecimento eu não tenho. Existem livros orientais especializados, de filosofia oriental, indiana e budista, que explicam isso. Eles conseguem, através de 30, 40 anos de meditação, o efeito do ácido, mas sem a droga. Esse estado nirvânico os budistas e yogas conseguem a hora que eles quiserem. Eu entrei em um profundo processo espiritual e psicológico, e depois em um estado de piração. Andava na rua como se fosse Jesus Cristo, todo mundo me chamava de louco. Eu queimava minhas mãos e os pés com o cigarro, numa espécie de autoflagelação.

Guitar Class - Então, na sua concepção, você acha que existe uma linha tênue que separa o efeito da droga e o estado de espírito alcançado pelas meditações?

Lanny - Sim, mas o ácido é um alucinógeno que aflora outras tendências que podem estar escondidas dentro de você, e que podem te prejudicar. Desde criança eu tinha uma tendência a desenvolver a esquizofrenia, e a droga colocou tudo pra fora. Fui internado quatro vezes no sanatório Bela Vista, tomei choque elétrico, insulina e coquetéis de remédios. O efeito colateral das drogas colocou meus desejos, anseios e traumas pra fora, e eu dei muita bandeira, fiquei completamente débil mental, não falava nada, só queria tocar. Quando meu pai me visitava lá, ele tirava sarro da minha cara, dizendo: "Há! Olha o Lanny amarrado lá. Tá vendo o que você fez? Agora agüenta!" (risos). Hoje meu médico me proíbe de usar drogas, e a esquizofrenia está sob controle.

Guitar Class - Mas como você foi parar lá?

Lanny - Meu próprio pai me internou. Eu tinha uns 25 anos, e morava com ele.

Guitar Class - E você parou de tocar?

Lanny - Depois que voltei pro Brasil, no meio da loucura, gravei o disco *Expresso 2222*, do Gilberto Gil, toquei com Jards Macalé e com o Eduardo Araújo, mas eu não era mais o mesmo. Alguma coisa tinha mudado em mim. Era a minha alma, que estava em processo de ativação, de transcendentalismo. Depois de um tempo fiquei tocando só no Stardust, onde trabalhei até o último dia. O bar fechou há 10 anos, por problemas financeiros, mas meu pai achou que já tinha cumprido a sua missão.

Guitar Class - Quando você passou por essas dificuldades, teve apoio dos artistas?

Lanny - Eles ficaram preocupados. Uma vez roubaram a minha guitarra, uma Gibson Les Paul preta. O Lulu Santos ficou sabendo e me deu uma guitarra de presente, e acabei dando para o meu irmão, que mora nos EUA e é fã de Lulu. O Chico Cesar fez uma música em minha homenagem. Eu também ganhei uma guitarra dele, que uso até hoje.

Guitar Class - Atualmente, o que você está fazendo?

Lanny - Depois que o Stardust fechou, fiquei na obscuridade por alguns anos, até que um dia um dos meus empresários disse: "Lanny, você tem de voltar. Não dá mais pra continuar desse jeito". Eu também queria cumprir a missão com o meu público, que deve ser em torno de 10 mil pessoas ou mais. Aí o Luís Calanca, da Baratos Afins, falou que eu se não gravasse um CD ele quebrava a minha cara (risos). Nesse meu primeiro trabalho, toquei todos os instrumentos. Ele financiou tudo, e gravamos no próprio estúdio do Calanca. Estou tocando na noite em barzinhos, onde tem todos os tipos de músicos, bons, ruins, e músicos que começaram na época em que eu estava no auge. Eu também toco no projeto Alpha e dou aulas particulares em domicílio, pelas quais cobro R\$ 30,00 por aula.

Guitar Class - Depois de tudo o que você passou, qual é a sua opinião em relação às drogas?

Lanny - Na verdade, eu não me arrependo de nada do que fiz, mas para a geração de hoje - afinal, os tempos são outros -, acho que os filhos têm de conversar com seus pais, perguntar a eles, pois eles sabem de tudo. Para quem é independente, que cada um assuma suas próprias responsabilidades. No meu caso, apesar de tudo, acho que é uma história diferente, e bem original, você não acha? (risos).

Someday My Prince Will Come /TEMA

Este lindíssimo tema faz parte da trilha sonora do desenho animado *A Branca de Neve e os Sete Anões*, de Walt Disney, que também foi regravado por

vários nomes do jazz, como Miles Davis, Bill Evans, Dave Brubeck, e por muitos cantores, como Barbra Streisand, entre outros. Esse standard de compasso com-

posto (possui uma divisão ternária), possui uma harmonia bem simples e uma melodia de fácil execução, além de ser facilmente reconhecido.

Chord symbols for the first system: Fmaj7, Aalt., Bbmaj7, Am7, Gm7, D7(b9), Gm7, C7(b9), Am7, Eb7(b9).

Chord symbols for the second system: Gm7, C7(b9), Am7, Eb7(b9), Gm7, C7(b9), Fmaj7, Aalt., Bbmaj7, Am7.

Chord symbols for the third system: Gm7, D7(b9), Gm7, C7(b9), Cm7, F7(b9), Bbmaj7, Bm7 E7(b9), Am7, D7(b9), Gm7, C7(b9).

Someday My Prince Will Come /IMPROVISO

Este solo foi feito “de prima”, ou seja, Lanny tocou apenas uma vez, improvisando tudo, e no primeiro take, já ficou valendo. É incrível como as idéias se

desenvolvem naturalmente, ficando com um resultado impressionante. Alguns trechos, como os compassos 1, 4, 5 e 8 exigem mais técnica, enquanto nos com-

passos 3 e 6 o ritmo é mais importante. Tente gravar uma base com a harmonia, pois só assim você entenderá o sentido desse belíssimo improviso.

Chord symbols for the first system: Fmaj7, Aalt., Bbmaj7, Am7, Gm7, D7(b9), Gm7, C7(b9).

Chord symbols for the second system: Am7, Eb7(b9), Gm7, C7(b9), Am7, Eb7(b9), Gm7, C7(b9).

Chords: Fmaj7, Aalt., Bbmaj7, Am7, Gm7, D7(b9), Gm7, C7(b9)

Someday My Prince Will Come /WALKING

Neste arranjo exclusivo que Lanny Gordin nos mostra, percebemos de cara que a divisão rítmica é bem mais “quebrada” que o habitual, o que torna o trabalho mui-

to mais interessante. Somente no meio do chorus (compassos 7 ao 12), a divisão rítmica dá uma acalmada, ficando mais linear. Podemos notar que Lanny explora algu-

mas dissonâncias e aproximações cromáticas, fugindo do convencional. Para entender o raciocínio de Lanny, compare as notas com a harmonia e analise os intervalos.

Chords: Fmaj7, Aalt., Bbmaj7, Am7, Gm7, D7(b9), Gm7, C7(b9), Am7, E7(b9), Gm7, C7(b9), Am7, E7(b9), Gm7, C7(b9), Cm7, F7(b9), Bbmaj7, Bm7, E7(b9), Am7, D7(b9), Gm7, C7(b9)

Cm7 F7#9 Bbmaj7 Bm7 E7#9 Am7 D7#9 Gm7 C7#9

Someday My Prince Will Come /CHORD MELODY

Neste exemplo, Lanny nos mostra um belo chord melody (melodia e harmonia ao mesmo tempo) usando praticamente só as notas do acorde, com pou-

cas extensões, mas com muito bom gosto. Algumas passagens merecem destaque, como as dos compassos 6, 8, 14 e 15. Repare que em muitos casos, Lanny

toca acordes quartais (intervalo de quarta justa) em blocos tocados nas quatro cordas mais agudas. Esse tipo de harmonização é muito usado no jazz.

Fmaj7 Aalt. Bbmaj7 Am7 Gm7 D7#9 Gm7 C7#9

Am7 Eb9#9 Gm7 C7#9 Am7 Eb9#9 Gm7 C7#9

Fmaj7 Aalt. Bbmaj7 Am7 Gm7 D7#9 Gm7 C7#9

Cm7 F7#9 Bbmaj7 Bm7 E7#9 Am7 D7#9 Gm7 C7#9